

LITERATURA E SEXUALIDADES: O QUE PODE UM CORPO

Emerson Inácio
(USP)¹

RESUMO: O ensaio a seguir procura pensar a relação Literatura e Sexualidade, não por um viés antropológico, mas tentando explicitar como esta relação, seja no campo da performance ou das representações, é inerente ao fazer literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, sexualidade, corpo, representação, inerência.

ABSTRACT: The following essay seeks to consider the relationship between literature and sexuality, not an anthropological bias, but trying to explain how this relationship is in performance or representations fields, it's inherent in literary production.

KEYWORDS: Literature, sexuality, body, representation, inherent

¹ Professor de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP - SP/Brasil. CEP 05508 080 einacio@usp.br

“Conto causa polêmica nas escolas estaduais. Alunos do 3º ano do ensino médio receberam seleção de melhores textos literários com obra erótica do escritor Ignácio de Loyola Brandão” (Jornal **O Estadão**, 07/08/2010)

“Obra de Inácio de Loyola Brandão é tema de discussões na Câmara de Guarulhos. Obra que traz o conto “Obscenidades para uma Dona de Casa” está em livro distribuído para alunos da rede estadual de ensino” (**Guarulhos Notícias**, 17/08/2010).

O exercício que aqui se inicia é ensaístico, no sentido que Jean Jacques Rousseau pensou a categoria escrita “ensaio”: texto breve, entre o literário e o didático, completamente pautado na minha experiência subjetiva sobre o tema sobre o qual discorrerei a seguir. Logo, não se pretende aqui nenhuma palavra final sobre a questão literato-sexual, mas apenas uma motivação pra que continuemos, eu e meu futuro leitor, a encadear pensamentos outros.

O tema que motiva a minha fala, a interface entre Literatura e as Sexualidades, parece a alguns um tanto inusitado. Primeiro porque intenta aproximar – e aproxima efetivamente – o campo da linguagem de um outro espaço marcado pela perspectiva sócio-antropológica ou pela médico-legal. Numa noutra dimensão, o inusitado está em associar à Literatura algo que não é literário. Explico: para a crítica literária sedimentada a aproximação entre o que está no intervalo eminentemente estético e aquilo que está no que comumente chamamos cultura, parece pouco provável ou até mesmo desaconselhável. Infere-se disso que ou a Literatura mimetiza o que lhe interessa da realidade empírica, elegendo os grandes temas em detrimento do que é desprovido de defesa e exprimido nas margens, ou ainda se crê que ela deva cumprir uma função formadora de homens e mulheres de bem e reparadora de caracteres resistentes à varinha do cânone. Seja um ou outro caso, falo por mim apenas: a Literatura só me desencaminhou! Mas aprendi, sim: aprendi os amores homossexuais de Thomas Mann, em **Morte em Veneza**, e

de Jean Genet, em **Querelle**, aprendi a violência da guerra em **Mayombe**, de Pepetela, aprendi a violência diária, cotidiana e silenciosa com Rubem Fonseca e Patrícia Melo e o furor lésbico de Cassandra Rios. Devo confessar: fui **Pollyana**, às vezes! Bovary sempre que possível, **Naná**, nos meus silêncios.

Mas se conselho fosse bom, ninguém daria, diz o dito, posto que seria vendido e lucraríamos com isso. Daí, que seja necessário que empreendamos ou a crença total nessa função salvadora do literário ou que o entendamos como efetivo elemento de problematização social, cultural, moral e política, engajado estética e eticamente. Disso decorre a lógica da rasura do senso comum crítico, contrariando a (falsa) premissa de que o naturalmente estético –a Literatura – não pode e nem deve abrir-se à compreensão de outros fenômenos que não residam naquele mesmo espaço.

Contraditório tal juízo, visto que boa parte dos horizontes dialógicos utilizados pela crítica literária no século XX não têm o dado puramente estético como pressuposto: Sociologia, Marxismo, Filosofia, História e, mais recentemente, a “farra” transdisciplina multiculturalista, são todos um além-teoria literária, mas que têm sido, tido e encarados como discursos com os quais a Literatura não só pode como deve dialogar. Portanto, pergunto: onde reside o (falso) problema entre literatura e o estudos das sexualidades, de gênero ou das performances de gênero e identidade por esta mesma literatura? Principalmente em tempos como os nossos em que se é possível perceber na sexualidade uma esteticização dos modos de vida, como bem nos lembra Foucault em vários momentos e particularmente na **História da sexualidade** (Ed. Gallimard, 1984). Se, segundo Foucault, as identidades sexuais e os dispositivos de desejo mais contemporâneos, como a transexualidade, o sadomasoquismo e mesmo as novas experiências homossexuais masculinas e femininas, indicam uma esteticização dos corpos, no sentido grego dessa expressão, não é demais pensarmos que literatura e sexualidades, seja em que dimensão for,

mais ensejam diálogos que necessariamente se excluem como campos de saber e poder distintos.²

Nesse caso, literatura e sexo têm mais a ver, já que ambos, como assegura o mesmo filósofo, engendram estratégias de poder e saber. A primeira, porque realiza o discurso estético por excelência, desde o século XVIII, chancelando a si mesma o direito de ser e fazer literatura e negando aos outros, os que não detêm seus dispositivos e formações discursivas, o direito de fazer literatura.

O sexo e a sexualidade, por sua vez, a partir do momento em que se tornam campos mediados pelo poder estatal e médico, no século XIX, tornam-se uma formação que pula do campo do silenciamento para o campo do controle discursivo, revelando não mais um discursividade proibida, mas um discurso a que se permite a emissão desde que respeite os limites e as formas de seu próprio controle. Em outras palavras: controla-se não apenas estabelecendo o interdito, mas contendo os dizeres a respeito do sexo e da sexualidade. E mais que isso, controla-se o sexo pela docilização dos corpos.

Exemplo disso é o fato anunciado aqui por duas das epígrafes: a recente discussão em torno do conto “Obscenidades para uma dona-de-casa”, de Ignácio de Loyola Brandão, contido na antologia **Os 100 melhores contos brasileiros do século**, organizada por Ítalo Moriconi. Um pai de uma aluna, consternado pelo conteúdo impróprio à faixa etária de sua filha – 16, 17 anos – intencionava acionar o Ministério Público de São Paulo para garantir a recolha da antologia, distribuída pela Secretaria Estadual de Educação.

² As intervenções do filósofo francês Michel Foucault sobre as questões ligadas ao dispositivo da sexualidade recebem maior atenção nos três volumes de sua **História da sexualidade**, mas também estão dispersas pelos quatro tomos de **Dits e Ecrit**, parcialmente traduzidos ao português por Manuel de Barros Motta. Cabe ressaltar que tais proposições foucaultianas foram pedra de toque no seu pensamento, nos anos que antecedem a sua morte, particularmente depois do período em que esteve em São Francisco (EUA), onde acompanhou as articulações pelos direitos civis de gays, lésbicas e travestis, ainda nos anos 70 do século XX.

Reproduzo sua fala, extraída de **O Estado de São Paulo**, do dia 07/08/10:

Quando cheguei do trabalho e li o que minhas filhas mostraram, nem consegui descansar. Fiquei indignado. É um absurdo, pois trata-se de conteúdo adulto. Não sei que tipo de educação está sendo aplicada na escola”, ressaltou o funcionário público, que ainda afirmou, “vou denunciar ao Ministério Público”.

O conto trata de uma dona-de-casa entendiada com sua vida comum e óbvia, que recebe cartas eróticas de um suposto amante. Afora expressões próprias de um erotismo mais realista, expressões populares como “Nem pau, nem pinto, cacete, caralho, mandioca, pica, piça, piaba, pincel, pimba, pila, careca, bilola, banana, vara, trouxa, trabuco, traíra, teca, sulapa, sarsarugo, seringa, manjuba”, o conto é calcado na realidade das pessoas comuns e na descrição crua não dos afetos, mas da excitação causada na mulher pela recepção daquelas cartas, em confronto com o seu cotidiano morno, sem relevos, contido, controlado, sem vivência do corpo e do sexo. Paralelamente, a descrição, bem típica de um imaginário que seria considerado pornográfico por alguns e histérico por outros, de uma série de práticas que ruborizavam a personagem burguesa e calma, ansiosa por uma gota de emoção sexual que fosse. Em termos estéticos, a narrativa ao mesmo tempo em que demonstra o estilo rápido e pontual do contista, expõe o trato do cotidiano como elemento que de tão comum beira o sublime.

Ao lado disso, o uso refinado de recursos como o discurso indireto livre, a intersecção dos campos diegéticos e a quebra total das expectativas do leitor pela revelação de um dado inusitado na antepenúltima linha do conto: não era senão outro, mas a própria dona-de-casa quem escrevia, aos moldes de um diário, as cartas eróticas que receberia no dia seguinte, pontualmente, às cinco da tarde e que eram esperadas com o mesmo tesão com que se espera um amante. Outro personagem, de Nelson Rodrigues, talvez, em

face dessas cartas, no plano ficcional, e em face da polêmica, no plano de outra ficção, perguntaria: “Quem desenhou caralinhos voadores no banheiro?”³

Eça e Flaubert, com Luísa e Emma, nos provaram que ler é um perigo. Loyola piora, pro senso comum, as coisas: escrever e ler, se não liberta o corpo pros seus próprios prazeres, liberta a alma pra compreensão dos prazeres que o corpo pode ter. E o faz justamente utilizando a literatura como efetivo espaço em que a linguagem se erotiza, reveste-se de sexo, dá vida ao corpo, mesmo que ficcional, ali representado. No conto e na polêmica, Literatura e Sexualidade ganham os mesmos contornos, uma vez que passam a residir no campo não só interdito, mas controlado, supostamente ético e cidadão, mas permeado por marcas sociais como a misoginia, a homofobia, o machismo e a violência. E pergunto: o que há no conto que não haja na novela **Passione** (2009-2010), na personagem de Maitê Proença, que se entretém vespertina a capturar amantes jovens nos shoppings classe AA de São Paulo? Claro está que a questão não está no campo da enunciação, mas no campo do enunciado, já que se o texto contivesse menos “caralhos”, “bocetinhas”, “troços grandes enfiados pelo meio das pernas”, “minha porra grossa lubrificando você por dentro”, certamente passaria despercebido pelo irado pai e pela professora que, diante do texto, declara-se incapaz (*sic*) de trabalhar com aquele texto em sala de aula.

Em outra opinião sobre a polêmica, um político declara que a grande literatura dispensa o trato “desse” tema, porque quer formar a juventude versando-a nos grandes temas. Essa mesma *grande*

³ Frase adaptada da peça **Os sete gatinhos** (1958), de Nelson Rodrigues. No original, Noronha, o contínuo, pai de uma família de seis mulheres, pergunta à família reunida na sala: “Afiml quem foi que escreveu nomes feios no banheiro?”. Entretanto, no roteiro adaptado ao cinema por Neville D’Almeida em 1980, supervisionado pelo próprio autor, coube uma licença “poética” à fala da peça teatral. A frase, junto com outra pérola da peça, “me chama de contínuo”, tornou-se uma das setenças mais conhecidas do cinema brasileiro. O texto original da peça pode ser consultado em <http://www.helderarocha.com.br/teatro/nelson/setegatinhos/OsSeteGatinhos.pdf>.

literatura, considerada um bólido elevado na atmosfera, sem contato com o humano ou com a realidade, sem corpo e sem sexo, produziu, por exemplo, o trecho que reproduzo a seguir:

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

Dá Veloso espantado um grande grito:
“Senhores, caça estranha, disse, é esta!
Se ainda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espírito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as coisas e excelentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

“Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.”
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

De uma os cabelos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
Uma de indústria cai, e já relewa,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam:
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Um, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
A vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos há, que se arremessa,
Vestido assim e calçado (que, coa mora
De se despir, há medo que ainda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo no rosto o férreo cano erguido
Para a garcena ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água, e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assim o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.
(CAMÕES, 1982, p. 308-9).

O excerto acima é parte do Canto IX, instâncias 68 a 74, de **Os Lusíadas**, de Luís de Camões. E pros menos acostumados à matéria épica e com a ordem pouco usual dos versos do poema, parafraseio: trata-se do episódio da Ilha dos Amores considerado por Vasco Graça Moura, poeta português, o mais erótico trecho da língua portuguesa. E o que o poeta tematiza nessas estâncias? O prêmio dado por Tétis aos navegadores portugueses: dias e dias de orgias sexuais, banquetes e bacanais, gozos dos mais variados e das mais variadas formas e que inclui, inclusive, o ambíguo jogo de

conquista e domínio implementado pelo marinheiro Lionardo para a realização de seu intercurso sexual com uma Ninfa. Esta, por sua vez, corre do marujo que traz “seu férreo cano erguido”, num misto de resistência e jogo erótico, que deixará claro, no concurso dos fatos a submissão do divino pelo humano pelos signos do sexo e da violência. Transforma-se o amador na coisa amada, apenas? Certamente não se desmontamos a metáfora do poema épico e nos lembramos do processo colonial inteiro e de suas práticas baseadas no desejo, erótico inclusive, como nos atesta Robert Young, em **Desejo colonial** (2005).

Como vemos, mais que nos impedir de falar sobre eles, Literatura e Sexo, como formas da relação poder-saber, nos obrigam a comentá-los a partir de limites previamente estabelecidos, sugeridos, impostos ou imaginados. Mais que falarem, é mais interessante que dominem o que se diz sobre eles. A crítica literária e as novas políticas de diferença – em sua versão globalizada e cooptada pelo liberalismo – estão aí a conformarem esta posição discursiva.

Foucault, em dois artigos escritos em momentos distintos de sua vida – “Linguagem ao Infinito” (MOTTA, 2001, p. 47-59).e “Linguagem e Literatura” (MACHADO, 2001, p. 137-174) – indica o potencial transgressor da linguagem literária, já que ela sempre (ou quase sempre) rompe ou desestabiliza outras formas discursivas, uma vez que as coopta, ficcionaliza e mimetiza. Quando não cooptada pelos regimes de verdade e poder ou quando não assume o seu caráter livresco, pode a literatura estabelecer-se como um possível contradiscurso ou como veículo capaz de fazer circular as “verdades” impossíveis de serem ditas ou de se inserirem na ordem dos discursos totalitários. Para ilustrar esse aspecto transgressor do literário, Sade, que pro filósofo fora o primeiro artista a efetivamente capitalizar a linguagem de forma a, principalmente, descomprimila de seu papel meramente reprodutor, dotando-a de pulsão erótica. Se em Sherazade a palavra tinha força e garantia a vida, em Sade ela tem cabeça, tronco, membros e órgãos sexuais, se excita, goza e relaxa, justo porque se constrói na experiência do corpo.

A palavra na contemporaneidade tornou a se libertar, guardar e representar sexualidades, talvez porque, desde Barthes, o manancial erótico da linguagem tenha sido assumido com um caminho importante, para que, inclusive pela linguagem, a própria noção de sexo como pura diferença ou como distinção opressora fosse superada em favor de uma diferença produtiva, libertadora e que transgredir o binarismo sexual e o normativismo das sexualidades compartimentalizadas. Pulando do campo da ofensa para o da política emancipatória do corpo, a teoria *queer* nasce nessa dobra que a linguagem realiza ao efetivar uma troca de forças que empodera o excluído. O *queer*, assim, garante o pleno direito dos indivíduos de ser, apenas, seja qual for a sua identidade, orientação, estilo de vida ou preceito estético corporal (BUTLER, 2003).

Sobre este direito, fala-nos o poeta capixaba Waldo Mota que “não quero apenas escrever, mas também ser o que escrevo” (MOTA, 1996, p. 11) reiterando um projeto poético que tem marcadores sociais como a sexualidade e raça como vetores. O poeta reclama o direito de dizer-se inteiramente, sem que com isso comprometa a poesia como expressão literária ou o corpo do homem negro e homossexual como força identitária. Pelo contrário, no campo da expressão corrompida da linguagem, do *queer* como transgressão literária também, ser negro, praticar cultos afrobrasileiros, ser homossexual, viver no Espírito Santo, ser um poeta considerado desbocado e atrevido, são identidades culturais vivenciáveis dinamicamente e concomitantemente. Vejamos o poema “Anunciação”, de **Bundo**:

Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro,
Sujo e Fedorento da Rocha Dorsal,
Mãe dos nove céus, a tetéia do caralhudo.
Sou a dona do todo o universo.
Estou injuriada com este povo
Atolado em minhas pragas, em desgraças
Que o louvor a Deus evitaria.

Ai de quem esqueceu a pedra santa
E o caminho da casa do Senhor! (MOTA, 1996, p. 33).

Observemos que o poeta, em processo completo de autoficção, ou mesmo de autobiografia, já que afirma escrever uma poesia de “abordagem sincera das minhas experiências”, refere-se a si mesmo no feminino, fato recorrente nos poemas que compõem o citado livro. Da mesma forma, dá indícios de cumprimento dos desígnios divinos pela disposição com que a sua vara se coloca aos serviços do “Deus Serpenteostal”. Essa deriva identitária, falar de si no feminino, assemelhar-se a uma identidade feminina, ser ativo ou passivo, assumir-se como uma entidade feminina etc, funciona em plena consonância com aquelas múltiplas identidades antes aqui descritas, sem que isso configure um trauma a possíveis identidades essencialistas. Até porque talvez elas nem existam! Cito o poema “A Eshu Ganesha”

Ò guardião
Da estreita via
Oculta em roupas
E interditos
Premia a audácia dos destemidos
Que enrabamos e nos enrabam
Dá nos a todos as tuas graças. (MOTA, 1996, p. 36)

A subversão do campo da linguagem em Waldo Motta, por exemplo, adentra inclusive a apropriação da linguagem religiosa, de passagens bíblicas, de cantos de devoção do candomblé como formas de delinear uma poética-identidade que se baseia no corpo, mais especificamente no ânus:

EXORTAÇÃO
Venerai o Santo Fiofó,

Ó neófito das delícias,
E os deuses hão de vos abrir as portas
Das inúmeras moradas do Senhor
E a fortuna vos sorrirá
Com todos os encantos e prodígios. (MOTA, 1996, p. 32)

Daí que tenhamos um rabo-casa-de-Deus, que o enunciador reclame o “fogo telúrico nos lombos”, que saúde os “Venturosos montes gêmeos / em cuja mandorla está / o Santíssimo Andrógino”. Nessa “poética do cu”, cabe, inclusive, a complexa subversão dos campos linguísticos e simbólicos, simultaneamente, como ocorre no pseudo-haikai que reproduzo:

NO CU
DO EXU
A LUZ (MOTA, 1996, p.69)

Observemos que tanto temos a revisão da forma poética japonesa tradicional, quanto um novo signo se agrega à figura da entidade religiosa, comumente associada à treva e à escuridão. Entretanto, o jogo ainda maior está na associação do significante: na sequência sonora os três versos funcionam como “no cu/deixo a luz” o que não implica menor transgressão já que o ânus é, no corpo, o órgão mais desprezível, mas repleto de tabus, mas interdito. Ao iluminar “as riquezas ocultas nas próprias entranhas”, o poeta aponta a definitiva sacralização do abjeto, a deusificação do improvável, a revisão da premissa cristã de que o corpo é o templo da santidade. E o mais importante: no poema se realiza a tão esperada aproximação entre a experiência esteticamente literária e o corpo, já que

A poesia é minha
sacrossanta escritura,
cruzada evangélica
que deflagro deste púlpito” (MOTA, 1996, p. 79)

no qual conclama:

Ó mãos abençoadas, que sondais
Os montes gêmeos;
Falanges sagradas, que recreais
Na toca da serpente.
Nações do mundo inteiro,
Eis o meu canto:
É tempo de alegria, de brincar
No monte santo (MOTA, 1996, p.27)

E dirá Madonna, em “Human Nature”: “Eu disse alguma verdade, algo de errado? / Oops, Eu não sabia que não podia falar sobre sexo! (Eu devo estar louca!)”⁴

A alusão à multimidiática artista, inclusive autora de literatura infantil, não é aleatória, já que na música se refere ao, por alguns tão questionável, direito humano à expressão de sua sexualidade. Questionável não por mim, mas por aqueles que consideram que politicamente gênero, orientação e identidades sexuais não são questões inerentes ao humano enquanto direito, como o é, por exemplo, o direito à vida, a educação e à saúde, da mesma forma que colocam em suspenso os direitos mínimos de mulheres, travestis e crianças. Inegavelmente atrelado a este direito está, também, o direito a ser e produzir literatura e de vivê-la também a partir daquilo que pode o corpo. E este mesmo corpo, também escreve a sua imanência, a sua presença estranha no espaço etéreo do literário.

Sobre um corpo que escreve, nos fala Al Berto (1997, p. 19.) , poeta português morto vítima de AIDS, em 1997:

sempre tive medo quando começo a escrever. só o sangue, o ranho, o suor, têm verdadeira dignidade de tinta. tenho medo de aperceber a

⁴ Tradução livre do verso “(...) Did I say something wrong? /Oops, I didn’t know I couldn’t talk about sex / (I musta been crazy) (...)”, da música “Human Nature”, de Madonna (1994).

nódoa de tinta permanente presa aos dedos, como se fosse um sinal indelével de doença incurável, vertiginosa. medo das feridas que alastram pelo interior do corpo, invisíveis, incuráveis como os textos.

A escrita é a condição de sua existência, já que o sujeito, em Al Berto, “é” no corpo que escreve, está na escrita que brota do corpo e de seus fluidos. Em muitos poetas, a linguagem era um mal necessário, a que se recorria para expressar aquilo que poderia ser dito, mas que ficava a dever ao inexprimível, ao que não poderia ser nomeado, dito. Al Berto tem a noção de que a escrita é algo que circula no corpo, necessária à vida e a ela intimamente ligada. Os textos são incuráveis porque surgem num corpo doente, contaminado por aquilo que precisa ser dito e que não cessa jamais, já que tudo é material para o poético, afirmado nesse poema do cotidiano e corporal que marca sua poesia.

Aqui, cabe lembrar Antônio Cândido no já clássico “Direito à Literatura” (2004) em que versa sobre a relação da Literatura com os direitos humanos: “aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo”. Se a Literatura é um direito do homem, ela precisa necessariamente atender às diversas nuances que constituem esse homem na contemporaneidade. Particularmente porque sabemos que o cânone e a instituição literária ainda não foram repensados de forma a atender às novas imposições sócio-culturais. Nessa perspectiva, as mulheres, os homossexuais, as lésbicas, travestis e transgêneros têm engendrado o seu processo de dessubalternização, rasurando a idéia de que os grupos “minoritários” não têm direito à plena expressão, como atesta Spivak (2010). Mas têm direito à formulação de uma identidade específica, também como procedimento do campo literário; direito de acesso ao cânone a partir dos mesmos elementos que perpetuam o cânone como horizonte de sentido literário; se a literatura é uma performance, as performances de gênero e

identidade também precisam e podem constituir o todo mais amplo da perspectiva literária.

Não se trata aqui de apenas pensar que os segmentos humanos que representam sexualidades não-normativas tenham tanto direito ao acesso à literatura, enquanto produtor, conteúdo e recepção, ou que, como ensina o mestre, os seus direitos sejam mais urgentes que os do próximo. Trata-se, sim, de pensar que se a Literatura constitui pela marca zero ou a forma não marcada a que alude Saussure, quando se fala em gênero, raça e classe, pode-se inferir que existam, conseqüentemente, pares opositivos que denotam um para-além dessa concepção mais dura do que é Literatura. Em outras palavras: aquilo que nega a Literatura ou a crítica, é o que talvez esteja no bojo das questões principais da Literatura hoje. Ainda, não se trata aqui de defender a validade maior ou menor de um direito e nem de acreditar somente na urgência dos direitos, mas o de garantir que todos tenham direitos, mesmo, ao biscoito fino da literatura.

Referências bibliográficas

- AL BERTO. **O medo**: trabalho poético. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
- CAMÕES, Luís Vaz. **Os Lusíadas**. Porto: 1982.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Madonna. **Bedtime stories**. EUA: Maverick, 1994, 9362-45767-2.
- MOTA, Valdo. **Bundo**. São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MOTTA, Manoel de Barros. **Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BUTLER, *Judith*. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

YOUNG, Robert J. C. **Desejo colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹ http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100807/not_imp591716,0.php

¹ <http://www.guarulhosnoticias.com.br/portal/index.asp?InCdSecao=3&InCdEditoria=2&InCdMateria=1122&Obra+de+In%+cio+de+Loyola+Brand%+E3o+%+E9+tema+de+discuss%+F5es+na+C%+E2mara+de+Guarulhos>